

**Feminismo contemporâneo:
as mídias sociais como ferramentas de resistência**

Delles de Lean Rodrigues de Sousa

Graduanda em Serviço Social FACES/UFU

Jéssica Aparecida Lima Araújo

Graduanda em Serviço Social FACES/UFU

INTRODUÇÃO

Partindo de uma breve apresentação, o movimento feminista é um movimento social que tem como ponto de partida a luta por igualdade entre os gêneros, além de englobar muitas outras pautas que serão citadas no decorrer do artigo, e para ter um melhor entendimento do que é o movimento feminista dividiu-se o movimento cronologicamente em três ondas, uma forma mais didática e que facilite a compreensão. Foram três marcos históricos, dessa forma trataremos características de cada uma das ondas, fazendo o caminho do sufrágio ao feminismo contemporâneo ou cyberativismo feminista.

A primeira onda feminista estava concentrada principalmente nos Estados Unidos e Europa, no entanto no Brasil já haviam também mulheres se organizando com pautas como direito ao voto, vida pública e questionamentos sobre as imposições de tarefas domésticas. No Brasil tinha como destaque a escritora Nísia Floresta, considerada a pioneira do movimento feminista no Brasil, autora do livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta enfatiza:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos



para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. (FLORESTA, 1989, p.35).

Tendo início no século XIX a primeira onda feminista foi marcada pelo movimento de mulheres sufragistas, poucos sabem, mas nesse mesmo momento havia um grupo de mulheres negras abolicionistas, nesse momento um nome estava em destaque Sojourner Truth, que trouxe a discussão de raça para as pautas feministas, fazendo a relação das duas opressões que as mulheres negras sofrem.

A segunda onda teve início na década de 1950 perdurando até nos anos 1990, e foi marcada pelo slogan “o pessoal é político” de Carol Hanisch, que enfatizava a necessidade de trazer a público as opressões que as mulheres sofriam em casa, além dessa expressão muitas outras pautas foram levantadas como, liberdade sexual, direitos reprodutivos e violência contra mulher. Simone de Beauvoir também foi um nome marcante para a segunda onda, um de seus livros chamado *O Segundo Sexo de 1967* tinha como questionamento a diferenciação entre sexo e gênero, trazendo assim o sexo como determinante somente biológico, Beauvoir diz:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1967, p.9)

Nesse momento as feministas da segunda onda buscavam também explicações sócio históricas sobre a condição das mulheres como subordinadas na sociedade, buscando respostas para questionamentos como: “por que as mulheres estão sempre atreladas a reprodução?”, o fato das mulheres estarem sempre no papel de oprimidas seria um motivo que levava a união universal de mulheres na busca pela mudança dessa condição imposta pela estrutura patriarcal.



Na segunda onda começou-se a ampliar as pautas do movimento feminista, dessa forma uniu vários grupos de mulheres partindo do princípio que apesar das peculiaridades de cada grupo de mulheres ainda sim havia uma pauta principal em comum, a luta por igualdade entre homens e mulheres.

A terceira onda feminista com seu início nos anos 1990 teve como essência a ideia de que as mulheres são diversas, dessa forma as vertentes do feminismo foram mais evidenciadas, formando subgrupos, cada um com suas peculiaridades, Feminismo Negro, Feminismo Liberal, Feminismo Marxista, Feminismo Radical, Feminismo Interseccional, Transfeminismo, Lesnofeminismo e Feminismo Anarquista. Com as vertentes em destaque a terceira onda traz outras pautas para o movimento feminista, além das questões de gênero, traz questões como classe, raça, as diversidades de gênero, sexualidade, violência de gênero, inclusão das mulheres na política entre outras.

Dentro das pautas citadas acima uma das mais discutidas, é a desconstrução do binarismo de gênero (entender como gênero somente feminino e masculino), Beauvoir já havia começado a discussão sobre a construção e desconstrução do termo gênero na segunda onda e na terceira onda um outro nome foi destaque, Judith Butler, que faz o seguinte questionamento:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59).

Outra característica da terceira onda são os meios das mulheres se manifestarem, a partir dos anos 2000 o movimento feminista se distanciou das ruas, diferente das mulheres da primeira e segunda onda, uma vez que conquistas como voto, direito ao divórcio e a propriedade já haviam sido obtidos. Porém com o advento das redes sociais e com o surgimento do Facebook em 2004, Twitter em 2006 e Instagram em 2010, algumas das redes sociais mais famosas da atualidade o movimento feminista passou a se organizar e expor suas pautas, usando essas mídias também como forma de mobilização.



Esse advento tornou o movimento feminista mais inclusivo, pois muitas mulheres aderiram as redes sociais para exporem suas inquietações em relação a sociedade patriarcal em que vivemos, sendo assim, ser “feminista” não requisitava participar de mobilizações ou de grupos de mulheres, ou mesmo participar de reuniões.

DESENVOLVIMENTO

A internet tem, cada vez mais, feito parte do cotidiano dos indivíduos e o maior acesso é voltado para as redes sociais, que são estruturas onde indivíduos interagem com a finalidade de socializar e relacionar com pessoas e/ou grupos a fim de criar vínculos. Essa estrutura de comunicação vem ganhando espaço de forma significativa, sendo um forte meio de comunicação, pois são ferramentas que permitem o acesso a conteúdos e informações imediatas, além de promover o contato de pessoas de diferentes localidades, possibilitando compartilhar assuntos e notícias dos quatro cantos do país. A partir disso, sendo um mecanismo de informação instantâneo, tornam-se espaços nos quais as pessoas podem se reunir e fazer das redes sociais um lugar propício para se organizar e organizar pautas de luta a partir de interesses e inquietações em comum.

De acordo com Martins, 2014 o cyberativismo:

“consiste na utilização da internet por grupos politicamente motivados que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações, dentro e fora da rede”
(MARTINS, Andreia; 2014; online).

Por meio do cyberativismo, é possível que meninas e mulheres que desconhecem sobre os direitos da mulher possam conhecer, se aproximar e adquirir consciência sobre a importância do feminismo. Torna-se um instrumento que incentiva o pensamento crítico promovendo posicionamentos que influenciam tanto a vida pessoal quanto em sociedade.



Propiciou popularidade maior ao movimento feminista nos últimos quinze anos, e em especial, oportunizou maior visibilidade a grupos não hegemônicos como de militância ao feminismo negro e transfeminismo.

O uso das hashtags

Em 2007 as hashtags começaram a ser divulgadas no Twitter. O intuito dessa ferramenta é agrupar posts sobre diferentes assuntos por tópicos, a partir de palavras-chaves antecipadas pelo símbolo “#”. O chamado feminismo virtual.....

Tem-se como exemplo as mobilizações virtuais criadas por ativistas em 2015, que foram as hashtags feministas tais como #meuamigosecreto, #belarecatadaedolar. Afirma-se aqui, que os dados abaixo informados foram coletados a partir de uma breve pesquisa na rede social Instagram, e contabiliza a quantidade de postagem com as hashtags. As pesquisadoras usaram como critérios citar nessa pesquisa, as que obtiveram maior visibilidade:

- #primeiroassédio com cerca de 2.809 publicações no Instagram que deu espaço para relatos sobre a infância e os assédios sofridos;
- #agoraéquesãoelas com mais de 5 mil posts, tendo intuito de reivindicar por visibilidade nos veículos de informação da internet para falar da luta feminista para ter voz em todos os espaços e contra a opressão masculina. (essa hashtag foi também, título de um álbum musical em 2016 para representar a nova geração do feminino no sertanejo)
- #meuamigosecreto com aproximadamente 8.933 posts, denuncia anonimamente as atitudes de pessoas do convívio social que tem posturas diferentes da imagem que “prega” para a sociedade;
- #mexeucumamexeucumtodas com mais de 62 mil que teve início com a organização de atrizes e internautas no intuito de repudiar casos de assédio sexual após uma figurinista ter denunciado o assédio sofrido por um ator durante seu trabalho;



- e a mais recente e considerada como o maior movimento de mulheres no país, a hashtag #elenão que movimentou mais de 70 mil posts no intuito de repudiar um dos presidenciáveis nas eleições de 2018.

As redes sociais tem sido instrumento indispensável para propagação das manifestações feministas e através desse espaço virtual, os blogs feministas tem ganhado visibilidade nos últimos tempos circulando diferentes pautas e ampliando o alcance das discussões permitindo dessa forma, que as mulheres possam ter maior contato com o feminismo. Abordando diferentes temáticas, tais como: manifestações contra todas as formas de violência, denúncia a sociedade patriarcal que vivemos e todas as formas de opressão e submissão, mulher e trabalho, abordagem relacionadas ao corpo e a sexualidade entre outros.

Blogs e páginas de mobilização feminista

Mulheres unidas contra Bolsonaro é um grupo fechado na rede social facebook criado em agosto de 2018 e que conta atualmente com mais de três milhões e setecentas mil mulheres. O grupo surgiu como forma de reivindicação contra o machismo, misoginia e todas as formas de preconceito. Partindo da premissa que o cenário atual brasileiro com a crescente onda do conservadorismo representa ameaças aos direitos conquistados através de luta e mobilização popular visualizou-se a necessidade de reorganização e reafirmação enquanto sujeitos políticos e de direitos.

O **Movimento Vamos Juntas** teve inicio a partir da ideia de que se ao andar na rua uma mulher estivesse acompanhada de outra, isso lhes daria um pouco mais de segurança afinal, sabe-se a ameaça que é para uma mulher andar sozinha nas ruas. Babi Souza que iniciou o movimento, fez uma postagem em sua rede social e com a repercussão em pouco tempo, focou na criação da pagina para que o movimento ganhasse cada vez mais força e esse passou a ter como pauta a importância da união entre mulheres e de praticar a sororidade¹, (leia mais em <http://www.movimentovamosjuntas.com.br>)

¹ Significa a irmandade e união entre mulheres; do latim soror (irmã)



THINK OLGA trata-se de uma ONG Feminista criada no ano de 2013 cujo objetivo é por fim ao patriarcado, informar mulheres por meio do empoderamento feminino através da informação. Com mais de 19 mil inscritos, acredita que é através da informação que é possível criar um mundo mais igualitário. (Conheça mais sobre em: <http://thinkolga.com>).

Esses movimentos tem encontrado nas mídias sociais meios de fomentar o ativismo político e listar as diferentes reivindicações e então, buscar a unificação alcançando o maior número possível de mulheres.

Youtubers feministas

Aqui abordaremos alguns nomes de mulheres que estão assumindo papéis de grande visibilidade na web a partir de canais e blogs. As mulheres protagonistas desse movimento, sejam elas emissoras das informações ou leitoras tem oportunidade de crescimento político e social, tendo a partir do contato com os discursos um meio educativo para evidenciar, problematizar, desconstruir e resistir as expressões do machismo, opressões cotidianas e tentativas de inferiorização por questões de gênero, pertença identitária, esteriótipos.

Criado e atualizado por Julia Tolezano, JoutJout Prazer é o nome do canal com cerca de mais de 2.008.000 de inscritos no youtube e aborda discussões referentes a relacionamento abusivo e várias abordagens sobre acontecimentos cotidianos. Gabi Oliveira em seu canal Gabi das Pretas tem por volta de 351.635 inscritas que acompanham Gabi e suas discussões sobre empoderamento e autoestima da mulher negra, colorismo, cotas raciais, apropriação cultural entre outros. Maíra Medeiros comanda o canal Nunca te pedi nada, com cerca de 1.225.086² inscritos e a ideia que deu inicio a esse projeto foi a de que certos assuntos não eram abordados e precisam ser. Suas discussões são voltadas para empoderamento feminino e aceitação.

² Todos os dados referentes a número de seguidores foram extraídos do youtube em 5 de outubro de 2018.

CONSIDERAÇÕES

A terceira onda do feminismo tem como viés o ativismo por meio das mídias sociais, sendo essa uma importante ferramenta para mobilização, mas, por si só contém limites, assim como a mobilização nas ruas, pois depende de qual público se pretende atingir, considerando que o número de domicílios com acesso a internet é de 63,3%, o que representa que um significativo número de pessoas não acessa frequentemente a tecnologia (IBGE, 2017). Um exemplo de mobilização de mulheres que não tem se organizado a partir das mídias sociais é a Marcha das Margaridas que traz reivindicações de mulheres do campo das águas e da floresta, lugares em que o acesso à internet é limitado, pois são localidades em que o acesso à internet demora a chegar. Nos últimos anos o universo atingido pela divulgação nas mídias sociais aumentou, uma prova disso foi a última marcha das margaridas em 2015, que reuniu 70 mil pessoas. O que se espera não é que essa forma mais recente de manifestação substitua a tradicional (intervenções nas ruas, protestos, etc) mas, buscar potencializar a causa com a junção de todas as formas de resistência, até porque hoje no Brasil o acesso à internet ainda não é para todos,

Diante disso as mídias sociais em conjunto com a diversidade de pautas da terceira onda têm tido um importante papel no fortalecimento do movimento feminista, as pautas atingem via internet não só mulheres que se auto intitulam com a terminologia “feminista”, mas se identificam com as pautas levantadas em posts nas redes sociais e blogs, se reconhecendo em situações que passam no dia a dia sendo mulher em uma sociedade fundamentada na cultura machista. Feito essa observação o feminismo da onda digital não se limita a grupos auto organizados como na primeira e segunda onda, claro que há ainda coletivos, ONG’s, Institutos, Redes entre outros grupos de mulheres feministas, esse fenômeno ocorreu justamente com o surgimento das redes sociais citadas nos parágrafos acima, essa nova forma de se organizar pelas redes é que permite ações não institucionalizadas e até ações individuais.

Essa nova característica da onda digital tem quebrado os estereótipos antes atribuídos ao movimento feminista, as mulheres intituladas feministas eram vistas como as que não se depilam e estão fora do padrão de feminilidade, quando na verdade o determinante para tal afirmação é a tentativa de controle social dos corpos femininos pelo capitalismo e pela cultura patriarcal.

Apesar da pluralidade do movimento, a pauta em comum que norteia e torna central do movimento é a busca por igualdade entre homens e mulheres. Tem-se uma leitura equivocada de que com isso busca-se uma inversão de papéis (submissão do homem) quando na verdade o que está em debate é uma luta histórica pela igualdade salarial, poder da mulher sobre seu próprio corpo, planejamento familiar, entre outros. Algumas dessas pautas estão instituídas no papel, como por exemplo na lei que discorre “todos são iguais perante a lei”, mas, vivemos em uma sociedade cujo patriarcado e cultura paternalista estão enraizadas e tem-se uma leitura ainda de que a mulher é objeto de satisfação do homem, a diminuindo, e portanto, o feminismo e todas suas reivindicações faz-se tão necessário.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BLOG MEDIUM. “**O que são as ondas do feminismo?** ”. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acessado 03 de outubro de 2018

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 196-213, ago/dez 2011 ISSN 1980-4369. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a10v30n2.pdf>> Acessado 02 de novembro de 2018.

CONEXÃO PLANETA. **#MexeuComUmaMexeuComTodas reúne artistas e internautas contra assédio sexual**. Disponível em: <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/mexeucomumamexeucomtodas-reune-artistas-e-internautas-contr-assedio-sexual/>> Acessado em: 02 de nov. de 2018.

CRIADORES. **Maíra Medeiros**. Disponível em: <<http://criadoresid.com/criador/maira-medeiros/>>. Acessado em: 12 de novembro de 2018.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>> . Acesso em: 12 de novembro de 2018.



ECCE LIBER. **Hashtags e militância social**. 8 de fev. de 2018. Disponível em: <<https://www.eccliber.org/single-post/2018/02/08/Hashtags-e-milit%C3%A2ncia-social>>. Acessado em:

ESTANTE BLOG. **As escritoras pioneiras do feminismo**. Disponível em: <<https://blog.estantevirtual.com.br/2018/02/05/as-escritoras-pioneiras-do-feminismo/>>. Acessado em 02 de novembro de 2018

GOMES, H. S. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acessado em 12 de novembro de 2018.

HYPENESS. **10 blogs, youtubers e sites para ficar em dia com os discursos feministas**. Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2018/03/10-blogs-youtubers-e-sites-para-ficar-em-dia-com-as-discussoes-feministas/>>. Acessado em: 03 de novembro de 2018.

MOSCHKOVICK, Marília. **Outras palavras**. Existe, então, um “novo” feminismo? Coluna Mulher Alternativa. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/posts/existe-entao-um-novo-feminismo/>> Acessado em: 12 de novembro de 2018.

REVISTA CATARINA. **O boom midiático do feminismo na web**. Disponível em: <<http://www.revistacatarina.com.br/o-boom-midiatico-do-feminismo-na-web/>>. Acessado em: 12 de novembro de 2018.

SOM LIVRE. **Agora é que são elas**. Disponível em <<https://www.somlivre.com/agora-e-que-sao-elas-cd-html.html>>. Acessado em 02 de novembro de 2018.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. **#Agoraéquesãoelas**. Disponível em: <<https://feminismo.org.br/agoraquesaoelas/19092/>> Acessado em 02 de novembro de 2018.

VAMOS JUNTAS? Disponível em: <<https://www.movimentovamosjuntas.com.br/>>. Acessado em 02 de novembro de 2018.

VILA MULHER. **O que é sororidade? Significado, dicionário e como praticar**. Disponível em: <<https://vilamulher.uol.com.br/bem-estar/comportamento/o-que-e-sororidade-significado-dicionario-e-como-praticar-m0118-732062.html>>. Acessado em 02 de novembro de 2018.